



---

**Impactos da Pandemia no trabalho docente no Ensino Superior no Recife/PE**

---

**Impacts of the Pandemic on teaching work in Higher Education in Recife/PE**

---

**Impactos de la Pandemia en la labor docente de la educación superior en Recife / PE**

---

Zenildo José Barbosa<sup>1</sup>**RESUMO**

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma pesquisa realizada com professores do ensino superior do Recife/PE, acerca do trabalho docente vivenciado durante o período da Pandemia, que iniciou em 2020. Esse trabalho docente se refere tanto as práticas pedagógicas vividas quanto a valorização do profissional. Aplicamos questionários, através do *google meet*, com alguns docentes e a partir das análises das respostas buscamos identificar alguns impactos que o período trouxe. Recorremos as literaturas de José Moran (2001) para compreendermos como o uso das novas tecnologias influenciaram no fazer pedagógico do (a) professor (a). Também recorremos a Foucault (1987) para compreendermos como as mídias digitais, enquanto tecnologias de poder, passaram a ditar as relações de trabalho estabelecidas com a implantação ampla do ensino remoto. Concluímos que a Pandemia acentuou a precarização do trabalho docente, trouxe desafios e expôs realidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia; Trabalho Docente; Precarização.

**ABSTRACT**

This article aims to present a survey carried out with higher education teachers in Recife / PE, about the teaching work experienced during the period of the Pandemic, which started in 2020. This teaching work refers both to the pedagogical practices experienced and the appreciation of the professional. We applied questionnaires, through *google meet*, with some teachers and from the analysis of the answers we sought to identify some impacts that the period brought. We resorted to José Moran's (2001) literature to understand how the use of new technologies influenced the teacher's pedagogical practice. We also turn to Foucault (1987) to understand how digital media, as technologies of power, began to dictate the work relationships established with the widespread implementation of remote teaching. We conclude that the Pandemic accentuated the precariousness of teaching work, brought challenges and exposed realities.

---

**Submetido em:** 27/08/2021 – **Aceito em:** 15/03/2022 – **Publicado em:** 28/04/2022

<sup>1</sup>Graduado em Pedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Especialista em Educação Integral e Inclusão Social pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Mestre em Educação, Culturas e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), linha de pesquisa Políticas Educacionais e Gestão da Educação, especificamente acerca da prática curricular do Programa Novo Mais Educação (PNME) e a formação integral. Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na Linha de Pesquisa em Políticas Educacionais. Professor efetivo da Educação Básica da Prefeitura Municipal de São Lourenço da Mata. Professor efetivo da Educação Básica da Prefeitura Municipal do Paulista/PE e Professor do Curso de Pedagogia da UNINASSAU. Presta serviço sem vínculo ao Grupo SOMOS EDUCAÇÃO, como Mediador de Aprendizagens. Formador municipal de professores do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental no Programa Criança Alfabetizada (PCA). Tem experiência na área de Educação com ênfase em Gestão da Educação, Políticas Educacionais: Programas, Projetos e Desenvolvimento Curricular. Pesquisador no Grupo de Pesquisa em Docência na Educação Básica: Políticas, formação e práticas pela FUNDAJ/CNPq e no Grupo de Pesquisa: Educação, Políticas Públicas e mundo do trabalho pelo PPGE/UFPB.



**KEYWORDS:** Pandemic. Teaching Work. Precariousness.

#### **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo presentar una encuesta realizada con profesores de educación superior en Recife / PE, sobre el trabajo docente experimentado durante el período de la Pandemia, que comenzó en 2020. Este trabajo docente se refiere tanto a las prácticas pedagógicas vividas como a la apreciación de la profesional. Aplicamos cuestionarios, a través de google meet, con algunos docentes y a partir del análisis de las respuestas buscamos identificar algunos impactos que trajo el período. Recurrimos a la literatura de José Moran (2001) para comprender cómo el uso de las nuevas tecnologías influyó en la práctica pedagógica del docente. También recurrimos a Foucault (1987) para comprender cómo los medios digitales, como tecnologías de poder, comenzaron a dictar las relaciones de trabajo que se establecieron con la implementación generalizada de la enseñanza a distancia. Concluimos que la Pandemia acentuó la precariedad del trabajo docente, trajo desafíos y expuso realidades.

**PALABRAS CLAVE:** Pandemia. Trabajo Docente. Precariedad.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo surgiu da necessidade de compreendermos as angústias do trabalho docente no ensino superior privado em Recife/PE, que apareceram com os novos desafios no período da Pandemia, tanto relacionado à prática pedagógica quanto à valorização do (a) professor (a). Pois, além de termos que nos reinventar pedagogicamente a curto prazo, sem uma preparação prévia para muitos de nós, nos deparamos com situações de demissões de colegas, substituições de muitos outros por pacotes de programas e projetos de aulas prontas nos ambientes virtuais de aprendizagem, bem como com a redução da carga horária e dos nossos salários.

No final do ano de 2019 começamos a ouvir rumores da chegada de um novo vírus, chamado de Novo coronavírus (COVID-19), originária da China, mas não tínhamos a noção de que esse vírus se espalharia com tanta velocidade, graças ao processo de globalização vigente que encurta as distâncias entre os países. Em 11 de março de 2020, a epidemia da COVID-19 foi declarada Pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (MACEDO, 2020).

A partir da declaração de Pandemia e com muitos casos registrados no Brasil, o Ministério da Saúde decretou estado de calamidade pública, o que levou estados e municípios a instalarem medidas restritivas de circulação e distanciamento social, modificando toda a rotina e o modo de se relacionar das pessoas em quase todos os aspectos.

O Estado de Pernambuco, a partir do Decreto Nacional da calamidade pública, decretou no dia 18 de março do mesmo ano medidas temporárias para enfrentar a emergência de saúde pública, conforme consta no Decreto Estadual nº 48.809 de 14 de março de 2020 (PERNAMBUCO, 2020, p. 1):

Art. 1º Este Decreto dispõe sobre medidas temporárias a serem adotadas, no âmbito do Estado de Pernambuco, para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente da COVID-19.

Art. 2º Para o enfrentamento da emergência de saúde a que se refere o art. 1º, poderão ser adotadas as seguintes medidas:

I - isolamento;

II - quarentena;

III - determinação de realização compulsória de:

a) exames médicos;

b) testes laboratoriais;

c) coleta de amostras clínicas;

d) vacinação e outras medidas profiláticas;

e) tratamentos médicos específicos;

IV - estudo ou investigação epidemiológica;

V - exumação, necropsia, cremação e manejo de cadáver; e

VI - requisição de bens, serviços e produtos de pessoas naturais e jurídicas, hipótese em que será garantido o pagamento posterior de indenização justa.

Após esse Decreto toda a sociedade pernambucana precisou reorganizar suas atividades, incluindo as instituições de ensino de todas as etapas, públicas e privadas. Enquanto profissionais da educação, precisamos nos adequar a organização didático-pedagógica que as instituições de ensino nos impuseram a trabalhar diante deste cenário.

As aulas presenciais passaram a ser remotas; ou seja, mediadas pelas plataformas digitais. Essas aulas remotas foram autorizadas nas instituições superiores pelo Ministério da Educação. Diante desse novo processo de ensino foi preciso rever conceitos, posturas, planos de ensino, planejamento pedagógico e o modo como professores e alunos se relacionavam.

Enquanto professores, tivemos que nos reinventar no sentido de buscar outros caminhos que nos levassem até nossos estudantes, embora muitas vezes esses caminhos fossem árduos, pois muitos de nós tivemos que aprender a lidar com as ferramentas tecnológicas sem termos uma preparação prévia como capacitação ou formação continuada.

A compreensão do ato de educar se ampliou em tempos de pandemia a partir do momento que precisamos organizar nossas aulas através de uma plataforma digital, buscando levar aos nossos estudantes, leituras, debates, seminários de modo que prendesse a atenção deles, estabelecendo uma comunicação que passasse segurança teórica e afetividade, pois muitas vezes nos sentíamos solitários diante da tela do computador, uma vez que muitos estudantes surpresos com a novidade das aulas remotas não procuravam interagir. Em relação a compreensão do ato de educar, Moran (2001, p. 04) ressalta que:



Educar é aprender a gerenciar processos onde, de um lado, você caminha em direção à autonomia e à liberdade. E, de outro, você busca sua identidade. Você deixa uma marca e, ao mesmo tempo, você interage, você consegue viver em sociedade, trabalhar em conjunto. Educar também é aprender a gerenciar tecnologias, tanto de informação quanto de comunicação. Ajudar a perceber onde está o essencial, e a estabelecer processos de comunicação cada vez mais ricos, mais participativos.

Desse modo, passamos a compreender que buscar aprender sobre o uso das novas tecnologias digitais nos permitiria minimizar o impacto de ter saído da sala de aula física abruptamente, e passar para a sala de aula online. Percebemos que ali também precisaríamos educar e nos educar. Mas, infelizmente, outras realidades e situações também foram surgindo ou se evidenciando no caminho, além da nossa relação com a internet e com os alunos que não interagem. Identificamos um baixo número de estudantes entrando nas aulas remotas, principalmente nos cursos que tem a maioria dos estudantes da classe pobre.

Em Pernambuco, o acesso à internet tem avançado em todas as classes sociais, segundo os dados da pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) acerca do acesso dos brasileiros à Tecnologia da Informação e Comunicação/PNAD TIC. Conforme esses dados divulgados no fim de 2018, do total de 3,17 milhões de domicílios pernambucanos, 2,27 milhões (71,4%) deles têm acesso à rede. Porém, embora que o resultado dessa pesquisa demonstre o avanço da cobertura, ele expõe também o tamanho da desigualdade digital em Pernambuco, pois pelo menos 908 mil lares ainda não têm acesso a internet, e os principais motivos são a falta de dinheiro e a falta de habilidade para uso.

Segundo Moraes (2020), a pesquisa do IBGE expõe uma realidade que pode ser mais excludente: não se contabilizou o total de analfabetos que não usa a rede e não fala de números absolutos, pois a pesquisa é realizada por amostragem. E nós, enquanto professores, conseguimos constatar essa realidade quando alguns estudantes nos procuravam informando que estava sem internet para assistir às aulas, pois estava sem dinheiro ou estava trancando o curso porque tinha ficado desempregado (a) na pandemia.

Embora tenhamos identificado aspectos relacionados às dificuldades dos discentes, nos atemos nesta pesquisa às questões relacionadas ao trabalho docente, pois ele foi no aspecto pedagógico e de valorização profissional também muito afetado nesse período. E para compreendermos como ele foi profundamente modificado, enviamos questionários para alguns professores do ensino superior com questões que tratavam do período das aulas remotas nas instituições que trabalhavam.



A relevância desta pesquisa se deu pelo fato de podermos registrar historicamente esse novo processo de ensino, por meio das plataformas digitais e a precarização do trabalho docente que já vinha sendo postulado no Brasil, mas que se acentuou a partir de 2020.

Para fundamentar nossa análise, realizamos uma breve conceituação acerca das redes sociais digitais a partir de alguns autores como Miranda (2011), Santos e Santos (2014) e Moran (2001), que nos evidenciaram a presença desses meios de comunicação na sociedade a certo tempo e, assim, tem se firmado e expandido no espaço-tempo atual.

Recorremos a Foucault (1987) para compreendermos como as tecnologias de poder agem sobre os sujeitos com o objetivo de docilizá-los, deixando-os à mercê da vontade de verdade de quem está no controle das instituições públicas e privadas. Mas, isso não significa que nesse processo não houve e há lutas e resistências contra o controle das práticas sociais nesse período de pandemia.

Analisar esse recorte histórico, também nos permitirá compreender os dispositivos tecnológicos de poder, numa perspectiva foucaultiana que estão em disputas no contexto atual, excluindo aqueles sujeitos que estão à margem do uso das tecnologias digitais ou tem pouco acesso a alguns deles como internet, computador, celular, tablet, conhecimento de informática, leitura e escrita, entre outros.

Em relação ao papel do investigador no cenário atual, numa perspectiva pós-crítica, Foucault (2008, p. 10) ressalta a importância histórica da pesquisa.

Um dos traços mais essenciais da história nova é, sem dúvida, esse deslocamento do descontínuo: sua passagem do obstáculo à prática; sua integração no discurso do historiador, no qual não desempenha mais o papel de uma fatalidade exterior que é preciso reduzir, e sim o de um conceito operatório que se utiliza; por isso, a inversão de signos graças a qual ele não é mais o negativo da leitura histórica (seu avesso, seu fracasso, o limite de seu poder), mas o elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise.

Portanto, enquanto pesquisadores, buscar compreender esse momento que estamos vivendo nos permite refletir acerca das heranças que o período pandêmico deixará na forma como nos relacionamos com a prática pedagógica e na forma como as relações de trabalho estão sendo reconfiguradas. A partir da concepção de ensino-aprendizagem e relação patrão-funcionário ditado pelos empresários da educação que estão a serviço do capitalismo neoliberal.



## FUNDAMENTAÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial, iniciou-se o período denominado de técnico-científico-informacional. Este período se refere ao espaço geográfico e social que tem a informação como parte integrante das relações sociais. Porém, é a partir da década de 1970 que esse período se firma. Ele é caracterizado por um meio produzido e em constante produção indissociável, da técnica, da ciência e da informação, como componentes dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações que formam o espaço geográfico e a sociedade contemporânea (SANTOS; SANTOS, 2014).

A informação passa a ser difundida através de objetos eletrônicos como computadores, aparelhos telefônicos e celulares. “O componente informação é quem vai ser, nesse período, o grande regedor/desencadeador das ações definidoras das novas realidades espaciais” (SANTOS, 2008, p. 89). Desse modo, os novos meios de comunicação foram se tornando ao longo das décadas mais presentes na vida das pessoas, e seu território teve ação direta ou indireta da ciência, da tecnologia e da informação.

No século XXI, o fenômeno da informação digital tem se agigantado e adentrado todos os espaços da sociedade; implicando em novas relações sociais, consolidando como a era da rede digital da informação. Este fenômeno tem promovido novas ações e formas de comunicações que permitem a circulação de ideias, mensagens, pessoas e mercadorias num ritmo acelerado, criando a interconexão entre os lugares de maneira sincrônica, embora se dê a instalação desses aparatos técnicos, científicos e informacionais nos lugares e na vida das pessoas de forma diacrônica, pois os processos espaços-temporais não são homogêneos nem tampouco homogeneizam todos os territórios ao mesmo tempo (SANTOS; SANTOS, 2014).

Esse processo nos permitiu ter uma realidade socioespacial caracterizada por novos comportamentos com novas necessidades, que do ponto de vista das intencionalidades parecem insaciáveis. Conforme ressalta Santos (2009, p. 256), quando diz que:

O meio geográfico atual, graças ao seu conteúdo em técnica e ciência e diríamos nós em informação, condiciona os novos comportamentos humanos, e estes, por sua vez, aceleram a necessidade da utilização de recursos técnicos, que constituem a base operacional de novos automatismos sociais.

As redes sociais construídas nas plataformas digitais foram se tornando presentes no nosso dia a dia, influenciando e transformando as sociedades mundiais. Essas transformações adentraram inclusive na escola e no modo de fazer educação. Porém, ainda não tinha atingido um



protagonismo mundial e quase que exclusivo no processo de ensino e aprendizagem, como vem acontecendo desde março de 2020.

Essas redes sociais digitais têm sido a principal plataforma para a dinamização de novos saberes e conhecimentos atualmente por causa do fechamento temporário das escolas e de outros espaços educativos. Esse novo movimento também tem propiciado a construção de novas identidades e formas de relação que precisarão ser estudadas e analisadas em profundidade no período pós-pandemia.

Compreendemos, a partir de Santos e Santos (2014), as redes sociais digitais como um meio de possibilidades estabelecido a partir dos elementos virtuais e das relações entre os indivíduos usuários e estão inseridas no ciberespaço, cujo crescimento é agenciado pela conexão entre computadores e celulares. Portanto, as redes não consistem apenas de pessoas, mas de plataformas, dispositivos com compartilhamento de informações e conteúdos entre as pessoas. O que tem levado também a novos mecanismos de vigilância e controle dos corpos, sobretudo quando relacionamos com as atividades pedagógicas desenvolvidas pelos (as) professores (as) nas redes sociais através das plataformas educacionais adquiridas pelas instituições de ensino superior privado. Nessa perspectiva Foucault (1987, p. 167) ressalta que:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.

Nessas plataformas digitais, são inseridos pelas instituições de ensino os pacotes educacionais prontos onde os professores precisam executar os conteúdos conforme pré-estabelecidos e pré-organizados. Desse modo, a atuação do professor se limita a reproduzir o que está posto sob o olhar das câmeras dos alunos e da instituição através das aulas online gravadas.

Para Foucault (1987, p. 168), “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”. Essa disciplina imposta aos professores através das novas tecnologias dita os interesses de quem detém o poder do controle e desencadeia outros processos que tentam silenciar o (a) docente, reduzindo sua carga horária em detrimento de um ensino híbrido, no qual o estudante terá parte do processo de aprendizagem realizado sozinho na plataforma digital. Isso permitiu aos empresários da educação colocar em prática mais rapidamente seus projetos de enxugar o que muitos veem como custo, que o quadro de professores, seus salários e sua liberdade de conduzir a prática pedagógica.



## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objeto de estudo dessa pesquisa são os impactos da pandemia no trabalho docente no Ensino Superior em Recife/PE, com o objetivo de compreender a percepção dos profissionais que estavam atuando no contexto da sala de aula quais foram esses impactos sentidos por eles. Para isso, encaminhamos à oito professores um questionário com oito perguntas via *Google Formulários*, em outubro de 2020, relacionadas ao trabalho remoto (online) e outras questões.

As oito perguntas foram as seguintes: 1- Onde você leciona?; 2- Você já trabalhou, antes da Pandemia, com aulas remotas ou EaD?; 3- Você já trabalhou, antes da Pandemia, com aulas remotas ou EaD?; 4- Se não, como foi para você ter que trabalhar no formato remoto? Pode marcar mais de uma opção; 5- Você recebeu algum tipo de treinamento?; 6- As atividades remotas levaram você a trabalhar mais, menos ou a mesma coisa das presenciais?; 7- Descreva alguns limites que você identificou no trabalho remoto; 8- Você teve ganho ou perda salarial na Pandemia?

Seguimos as orientações de Bogdan e Biklen (1994) em relação às questões éticas de garantia de anonimato e de sigilo das informações, e recorremos a Foucault (1987) para a análise das respostas dos questionários.

Apresentamos abaixo a tabela com o resultado dos questionários. A tabela traz dados quantitativos, mas a predominância da nossa pesquisa é qualitativa.

As respostas mais objetivas, colocamos em percentuais, as demais, transcrevemos do modo como foram expressas nos questionários. Identificamos os oito professores pelas numerações, da seguinte forma: P. 1; P. 2; P. 3; P. 4; P. 5; P. 6; P. 7 e P. 8.

**Quadro 1.** Resultado da pesquisa com os professores do ensino superior

| Ordem | Pergunta   | Percentual e/ou resposta   | Percentual e/ou resposta               |
|-------|--|--|--|
| 01    | Onde você leciona?   | 14,3% IES pública.   | 85,7% IES privada.                     |
| 02    | Você já trabalhou, antes da Pandemia, com aulas remotas ou EaD?                                | 74% SIM, apenas Educação à Distância (EaD).  | 28% NÃO.                               |
| 03    | Se não, como foi para você ter que trabalhar no formato remoto? Pode marcar mais de uma opção. | 25% Angustiante.<br>25% Difícil adaptação por causa do tempo.<br>25% Fácil adaptação.<br>25% Desafiador. |  |
| 04    | Você recebeu algum tipo de treinamento?  | 40% SIM  | 60% NÃO                                |
| 05    | As atividades remotas levaram você a trabalhar   | 87,5% Está trabalhando mais.   | 12,5% Estou trabalhando a mesma coisa. |

|    |  |  |  |
|----|--|--|--|
|    | mais, menos ou a mesma coisa das presenciais?                            |  |  |
| 06 | Descreva alguns limites que você identificou no trabalho remoto.         | <p>P.1: Qualidade de conexão dos alunos;</p> <p>P.2: Estar frente a frente presencialmente;</p> <p>P.3: Estímulo dos estudantes, limitações tecnológicas, muito tempo em frente ao computador, dores físicas causadas pelo ritmo de trabalho.</p> <p>P.4: Falta de afetividade e desigualdade ao acesso digital.</p> <p>P.5: Concentração, foco, interação, aprendizagem</p> <p>P.6: Conseguir manter o discente na plataforma por longo período. Observei que o tempo ideal de aula, não deve ultrapassar 01h:40 min. Caso contrário, não se consegue manter o discente online na plataforma.</p> <p>P.7: Dificuldade de interação dos discentes com o professor.</p> <p>P.8: Domínio tecnologia e a interação com um número maior de alunos.</p> |  |
| 07 | Descreva algumas possibilidades que você identificou no trabalho remoto. | <p>P.1: Compromisso, interatividade a conteúdos instantâneos no horário das aulas.</p> <p>P.2: fegeegeg (foco, força e fé).</p> <p>P.3: Possibilidades de auxílio das tecnologias na preparação de aulas com metodologias ativas.</p> <p>P.4: Melhor utilização das TICs.</p> <p>P.5: Trabalhar metodologias ativas.</p> <p>P.6: Apresentação de vídeos, apresentação de Seminário em grupos de discentes.</p> <p>P.7: Domínio do ensino EAD.</p> <p>P.8: Praticidade.</p>   |  |



|    |  |   |
|----|--|---|
| 08 | Você teve ganho ou perda salarial na Pandemia? | 100% Respondeu que teve perca salarial. |
|----|--|---|

**Fonte:** Questionário criado pelo autor.

Após organizar o quadro acima com as respostas dos entrevistados, realizamos uma análise das respostas na sessão seguinte. Por se tratar de um artigo, as análises precisaram ser mais enxutas, porém tomamos o cuidado de não comprometer nosso objetivo.

## COMPREENDENDO OS DADOS DA PESQUISA

Abaixo colocamos as perguntas e em seguida as análises das respostas que se encontram no Quadro 1.

### 1 - Onde você leciona?

Analisando a questão 1, compreendemos que a maioria dos (as) professores entrevistados estão apenas na instituição privada e vinte e quatro por cento (24%) na pública, o que podemos perceber uma maior oportunidade de trabalho nas instituições privadas que começaram a se popularizar no governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), principalmente após a criação das políticas que facilitaram o acesso do estudante como o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), no ano de 1999, implementado pela Lei nº 10.260/2001.

No governo Lula (2003-2010), o FIES sofreu mudanças expressivas que aumentou a presença da iniciativa privada no ensino superior e criou o Programa Universidade para Todos (PROUNI) pela Lei 11.096/2005, que também contribuiu com essa presença. Talvez seja por isso que tenhamos um número maior de professores nas instituições privadas. Porém, essa presença maior dos profissionais no ensino superior privado, na maioria das vezes, não está relacionada às condições de trabalho valorizado. Bosi (2015, p. 106) ressalta que:

Portanto, é certo que tal crescimento da força de trabalho docente foi (e continua sendo) marcado pela flexibilização dos contratos trabalhistas. São essas possibilidades de contratação precária, abertas por práticas constituídas à margem da lei ou mesmo por modificações na legislação trabalhista, que têm feito com que o número de docentes aumente. Nesse sentido, é certo também que, tornado numericamente predominante, o trabalho considerado precário e informal tende a converter-se em medida para todo tipo de trabalho restante.

Isso não significa que no ensino superior das instituições públicas, sobretudo nos dias atuais, as questões referentes ao trabalho docente estejam melhores, temos visto ataques do governo



Bolsonaro (2019-2022), que tem precarizado as instituições públicas e o trabalho docente com cortes orçamentários, enfraquecimento da gestão democrática, dos sindicatos entre outros.

## **2 - Você já trabalhou, antes da Pandemia, com aulas remotas ou EaD?**

A maioria dos professores entrevistados, setenta e quatro por cento (74%), já haviam trabalhado com educação a distância. A educação a distância (EaD) foi contemplada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº. 9.394/96, no seu artigo 80, e regulamentada posteriormente em 2005 e em 2017. Essa modalidade de ensino não é nova, surgiu no início do século XX; porém ganhou folego nas décadas de 1990, início dos anos 2000, e cresceu vertiginosamente no período pandêmico a partir de 2020<sup>2</sup>. No entanto, jamais haviam trabalhado com aulas remotas, o que mostra que mesmo as aulas remotas já existindo em algumas instituições, não era uma prática da maioria dos docentes.

## **3 - Se não, como foi para você ter que trabalhar no formato remoto?**

No quesito trabalho remoto, para a maioria dos entrevistados, a relação não foi boa. Vários sentiram angústia, tanto pelo momento de crise sanitária quanto pelo início de um trabalho fora do espaço físico da instituição. A difícil adaptação também foi relatada por causa da reorganização do tempo. O tempo, que nas atividades presenciais são mais fáceis de organizar, embaralhou as relações deles com trabalho, tendo que repassar todo o planejamento. Por isso, para várias pessoas o trabalho remoto foi desafiador. Apenas 25% (vinte e cinco por cento) dos entrevistados não tiveram problema com essa forma de trabalho.

## **4 - Você recebeu algum tipo de treinamento?**

Como o Decreto de calamidade pública passou a vigorar em 18 de março de 2020, a maioria das atividades consideradas não essenciais tiveram que parar. Desse modo, não houve tempo para a maioria das instituições de ensino preparem seus profissionais para o trabalho remoto. Sessenta por cento dos entrevistados não tiveram nenhum preparo, o que levou muitos a angústia e desespero. Porém, as instituições deveriam ter preparado seus profissionais e não adotar medidas verticalizadas, adquirindo plataformas digitais como o *Teams* da Microsoft ou o Google *Meet*, colocando os docentes para trabalhar à revelia.

---

<sup>2</sup> Ver Projeto do capital para a educação, volume 4: O ensino remoto e o desmonte do trabalho docente produzido pelo ANDES, Sindicato nacional. Disponível em: <https://www.andes.org.br/diretorios/files/renata/setembro/cartilha%20ensino%20remoto.pdf>. Acesso em 14 de agosto de 2021.



### **5 - As atividades remotas levaram você a trabalhar mais, menos ou a mesma coisa das presenciais?**

Para 87,5% (oitenta e sete e meio por cento) dos entrevistados, as atividades remotas os levaram a trabalhar mais por diversos motivos: como junção do trabalho doméstico com o profissional, reuniões remotas a qualquer hora e etc. Esse item das perguntas aponta uma contradição com o último item, pois ao mesmo tempo que aumentou o trabalho caiu a renda.

### **6 - Descreva alguns limites que você identificou no trabalho remoto.**

Diante de tudo isso, muitas limitações surgiram com o trabalho remoto que foram expostas pelos entrevistados como: qualidade ruim de conexão da internet dos estudantes e dos professores o que compromete o trabalho; a falta de estar numa atuação presencial; limitações físicas (dores no corpo), muito tempo sentado em frente ao computador; falta de afetividade.

### **7 - Descreva algumas possibilidades que você identificou no trabalho remoto.**

As desigualdades sociais ficaram mais evidentes; muitos estudantes não têm acesso a internet e celular, pois muitos estão desempregados.

Os entrevistados perceberam também, pouca concentração dos estudantes nas aulas, pouca participação e interação.

Poucos foram os relatos de possibilidades no ensino remoto, a maioria dos comentários foram em relação as problemáticas que essa forma de trabalhar no ensino superior na instituição privada, no curso de pedagogia trouxe.

### **8 - Você teve ganho ou perda salarial na Pandemia?**

Perguntamos se os profissionais tiveram ganhos salariais nesse período; a maioria respondeu que teve perdas. As instituições aproveitaram para contratar projetos prontos que requer poucos professores, como é o caso do Projeto Ubíqua Onipresente<sup>3</sup>, que sob o pretexto da aprendizagem colaborativa e uma interpretação capitalista da teoria construtivista, reduz o trabalho do professor e os proventos, trazendo profissionais “famosos” para ministrar aulas de alcance nacional.

<sup>3</sup> Ver o que é aprendizagem UBÍQUA? Disponível em: <https://canaldoensino.com.br/blog/o-que-e-aprendizagem-ubiqua> acesso em 14 de agosto de 2021.



O estudante é colocado como o protagonista da sua aprendizagem, mas de forma equivocada, ao diminuir a participação do professor como mediador nesse processo. O estudante tem que estudar muito tempo sozinho nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), assistir vídeos gravados pelos que constam nas plataformas e responder as atividades. O professor presencial vai exercer o papel de reproduzir o material pronto que recebe da instituição.

O nome do projeto já diz muito dele quando trata da onipresença, um único professor em todas as salas de aulas numa alusão a definição de Deus, enquanto os demais são demitidos. Essas demissões e reduções salariais são permitidas também com a ajuda da flexibilização das leis trabalhistas que vem sofrendo ataques maciços desde 2016, no governo de Michel Temer (2016-2018).

Diante do cenário atual, após apontar os impactos causados pelo distanciamento social por causa da COVID-19, podemos dizer que estamos diante de um novo tipo de tecnologia de poder, de “enclausuramento” com controle sobre os corpos (FOUCAULT, 1987).

O atendimento aos estudantes, em muitos casos, passou a ser individualizado pois os estudantes que não compreendem os conteúdos ligam, fazem vídeo chamada, enviam mensagens a qualquer hora e mesmo os professores não respondendo de imediato, respondem em algum momento. Isso não significa que no trabalho presencial não exista atendimento individualizado, também existe. Mas com menor frequência, pois tendemos a agrupar os estudantes em níveis próximos de desenvolvimento cognitivo.

O direito privado tem sido frequentemente violado, nesse período pandêmico, a partir de algumas práticas como as aulas remotas, lives e reuniões online. Expondo-nos a outras noções de tempo e espaço.

Ficamos expostos às novas tecnologias de poder e controle (FOUCAULT, 1987). Tivemos que nos adaptar a essas novas tecnologias (internet, computador, smartphone, aulas remotas, gravar áudios, gravar vídeos) buscando aprender a manuseá-la para não ficar excluído do atual processo de escolarização, e para muitos professores para não ficar de fora do mercado de trabalho. Essas tecnologias são dispositivos que exercem funções estratégicas concretas e estão inseridas nas relações de poder para atender objetivos delineados por aqueles que estão no topo da pirâmide social e contribuem para o fortalecimento do capitalismo neoliberal e do acúmulo particular de capital.



## CONCLUSÃO

Precisamos compreender o legado que esse período deixará, desde o desenvolvimento do trabalho administrativo-pedagógico ao processo de ensino-aprendizagem. Ficarão mais claro aprofundar estudos e tecer discussões acerca de diversos temas incluindo possíveis alterações nas relações sociais e na perspectiva de formação dos estudantes, pois as aulas remotas podem estar incluídas nessas alterações sociais e poderão fazer parte da escola.

Misturou-se o público e privado a partir do momento que passamos a trabalhar em casa, abrimos nossas câmeras para que o outro possa nos ver, mostrar nossa privacidade no momento em que você está servindo ao trabalho. Mas, como diz Foucault (1987), onde há dominação pelo poder, há resistência, inclusive nesse novo normal que estamos vivendo em 2020.

A produção do trabalho aumentou. Acumulou serviço doméstico, aulas remotas, reuniões e mais reuniões, muitas vezes sem um período definido de término ao mesmo tempo que reduziu a renda de vários docentes do ensino superior privado, principalmente.

Ao mesmo tempo que aumentou a força de trabalho estamos vivenciando uma precarização de uma área já precarizada. Professores sendo demitidos, redução de salários já reduzidos, acúmulo de função em várias instituições de ensino, redução de carga horária de professor, cobrança por aulas interessantes via internet, mesmo para aqueles que não tem familiaridade com as mídias digitais, sob o pretexto mal interpretado das metodologias ativas.

Contudo, encontramos resistências nos microespaços das relações sociais de poder com *webinários* discutindo esse cenário, com muitos professores não participando das aulas remotas. Quando não, se tira uma foto para ser postada comprovando o que a pessoa estava numa ação; quando não, se abre a câmera e o áudio numa reunião.

A tecnologia digital, no tempo presente, em vários casos, como nas aulas remotas das instituições de ensino superior privado, desponta como um novo tipo de poder disciplinar nos limitando e colocando a serviço do neocapitalismo e neoliberalismo, produzindo corpos dóceis mais produtivos ao mesmo tempo que mais descartáveis com condições de valorização precária e reduzida. Por isso, sabemos também que essa pesquisa é apenas o pontapé inicial para pesquisas com maior número de professores possível, pois assim nos fortaleceremos nas nossas lutas por educação de qualidade e valorização docente.



## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Lei 9.394/96. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES).** Lei nº 10.260/2001. Brasília, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PROUNI.** Lei 11.096/2005. Brasília, 2005.
- BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Educação & Sociedade* [online]. 2007, v. 28, n. 101, pp. 1503-1523.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.
- MACEDO, Mayara. Origem coronavírus: Entenda como começou a pandemia. **Pleno News**, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://pleno.news/saude/coronavirus/origem-coronavirus-entenda-como-comecou-a-pandemia.html> Acesso em 10 de junho de 2020.
- MORAES, Lucas. Em Pernambuco, 908 mil casas não têm acesso à internet por falta de dinheiro ou porque as pessoas não sabem usá-la. **Jornal do Comércio**, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/economia/2020/04/5607642-faltam-dinheiro-e-habilidade-de-uso-para-908-mil-lares-de-pernambuco-terem-acesso-a-internet.html#:~:text=Em%20Pernambuco%2C%20908%20mil%20casas%20n%C3%A3o%20t%C3%A3o%20acesso%20%C3%A0%20internet,pessoas%20n%C3%A3o%20sabem%20us%C3%A1%20la> Acesso em 16 de junho de 2020.
- MORAN, José. Novos desafios na educação: a internet na educação presencial e virtual. In: PORTO, Tânia Maria E. (Org.). **Saberes e Linguagens de educação e comunicação.** Pelotas: Editora da UFPel, 2001.
- PERNAMBUCO. Decreto nº 48.809, de 14 de março de 2020. Regulamenta, no Estado de Pernambuco, medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de



importância internacional decorrente do coronavírus, conforme previsto na Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial [do] Estado de Pernambuco**, Poder Executivo, Recife, PE, 14 mar. 2020. Nº 1, p.1-2. Edição Extra.

SANTOS, V. L. C; SANTOS, J. E. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **Revista HOLOS**, ano 30, vol. 6, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2009.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.